

PALAVRAS-PRESENÇA

A presente obra intitulada *Babá Alapalá, caminhos e encantos*, de Gildeci de Oliveira Leite, apresenta uma constelação de temas e imagens que reconfiguram um universo narrativo – crônicas, contos e opinião – com suas palavras-memória e esferas interligadas ao social e ao imperativo de uma voz que instaura diálogos-presenças com as (os) leitoras(res). Dos campos do imaginário às constelações literárias transitando nos “bosques ficcionais” e nas sendas da linguagem, o escritor e professor Gildeci de Oliveira Leite projeta o pacto verbal em múltiplas direções de diálogos interativos com seus mapas da imaginação e memória, direcionando o ofício da arte de narrar em um momento singular de leveza, consistência e multiplicidade de vozes. Múltiplos olhares, pontos-chave de imagens e discursos – palavras-potência e no dizer a força expressiva de encontros pessoais, vozes sociais, fronteiras do pensamento e veredas imaginárias dos espaços de baianidade, brasilidade, africanidade e universalidade.

Pelas sendas da linguagem e jardins de palavras, Gildeci transita pelas narrativas-memórias circunscritas na força de um dizer que elabora de maneira criativa as crônicas, contos e opinião, com vistas aos registros de constelações de temas inter cruzados nas redes da imaginação e construções narrativas que privilegia o sentido da vida, a grande temporalidade, os ciclos vitais, as experiências religiosas, as cartografias do imaginário e as reinvenções da memória através dos diálogos e comunicabilidade lírica alicerçados na força da linguagem e nas fronteiras da imaginação, na comunicabilidade literária e social.

Mediante os artifícios das linguagens e as configurações míticas, sociais e poeticidade mapeados no amplo quadro das composições literárias – a obra *Babá Alapalá, caminhos e encantos*, de Gildeci de Oliveira Leite, registra diálogos transversais edificados na criatividade e construções do imaginário e redes de múltiplos saberes compartilhados. Projeção esta que instaura um diálogo permanente do escritor com o mundo circundante, como constata-se nos contos, nas crônicas e opinião, com uma linguagem altamente elaborada e pelos tênues fios contagiantes de palavras-discursos transitando na maneira de dizer, de construir as imagens centradas nas heterogeneidades dos entes e dos seres, (re)apresentados com vivacidade e encantamento, com seus mundos-vivências animados pelas constelação de temas e imagens simbólicas, sociais, memória-viva de narrativas inter cruzadas tal como uma

rede de imagens e mundos ficcionais, que instaura diálogos e interações de cosmos reais, possíveis e imaginários. Narrativas-presenças, a Bahia com todas as suas exuberâncias, seus encantos e canções, o Brasil, com suas imagens e contrastes, África-presente, América Latina com sua força singular e imagens vibrantes. Mundo-imagens e memórias-palavras: nos ritmos densos, cadenciados, “carnaval amadiano”, canções, ritmos de uma brasilidade inteira, nas palavras e canções, na pluralidade e interculturalidade, nas construções de personagens ficcionais, permeados com as construções imagéticas, reais ou não, na solidificação de um pensamento libertário, nas formulações de “teorias da crítica cultural”, tal como o primeiro texto-opinião de abertura intitulado “A carnavalização na obra de Jorge Amado”, com suas arquiteturas em destaque, suas fases e interfaces sociais, na maneira única de carnavalizar o mundo e o tecido narrativo, concretizado pela “alegria de viver”, com a negra concepção *aió*, concepção alegre de viver.” (Gildecide de Oliveira Leite), no alicerce presentificado

Neste Carnaval quando virem a alegria passar agarrarem-na, as obras de Amado estão ali. Quando tiverem êxtase com o Olodum, Filhos de Gandhi, Bankoma, Cortejo Afro, Ilê Aiyê, Malê Debalê e outros blocos afro, lembrem-se que a luta para o desfile dos motivos africanos e afro-brasileiros foi protagonizada em Tenda dos Milagres com o bloco ficcional Filhos da Bahia. (LEITE, Gildecide de Oliveira).

Do poder da palavra às articulações dos festejos dos 100 anos de Jorge Amado, os caminhos e fronteiras do pensamento redivivos na imaginação das(os) leitoras(res), na cultura e expressividade das obras amadianas, como o poder centralizador da “roda viva da linguagem” e do “poder da obra do Obá de Xangô (Ministro de Xangô) do Ilê Axé Opô Afonjá é de fato grandioso.” (LEITE, Gildecide).

Registra-se em *Babá Alapalá, caminhos e encantos* a presença marcante e narrativas vigorosas, com suas vibrações que expressam a força da palavra com uma linguagem esteticamente organizada, mapeadas pela imaginação e fazer literário. As transversalidades se efetivam nas homenagens à Jorge Amado, Castro Alves, Caetano, Gilberto Gil, entre outros. Também presentifica-se na obra as alusões e narrativas às festas natalinas e de Ano Novo, nas múltiplas abordagens sobre a natureza,

preocupações e reflexões ecológicas nas diversas maneiras de dizer e de configurar o sentido da vida e da arte, nas interfaces do tempo e nas experiências religiosas:

Que o Candomblé e as outras religiões negras do Brasil são tradições ecológicas não é novidade. Há outras, não estamos sozinhos, mas muito antes das discussões midiáticas; de encontros; fóruns e congressos, o carinho e o respeito para com a natureza já faziam parte de mandamentos das religiões afro-brasileiras. Retirar uma folha exige-se experiência, autorização e sabedoria sagradas. Ninguém, devidamente preparado, mutila a árvore que produz a folha. A relação de respeito à flora é disciplinada por Ossãe, orixá das ervas, detentor dos poderes curativos das folhas. Desta forma, faltaria a nós uma reinvenção dos recipientes que são colocados na natureza com as oferendas ou utilizaríamos folhas rituais como recipientes das oferendas? Não era assim que fazíamos? (LEITE, Gildeci de Oliveira).

O universo do sagrado, o Candomblé e as várias religiões negras brasileiras, com suas interligações natureza/religiões, os saberes, as presenças e as vivências projetadas em um pensamento-partilha, são projetadas na presente obra um sentido maior de vida-natureza, com suas convergências sociais, culturais e tecidas nos campos das vivências e pensamentos reinventados no poder das palavras e na força expressiva das linguagens-ações, uma vez que as tradições e reinvenções no Candomblé surgem “em sua maioria, do cotidiano; do olhar, desde que permitido; do fazer somente o que é do tempo certo. Tudo tem sua hora, seu tempo. A reinvenção das tradições no candomblé só acontece com a autorização do orixá.” (LEITE, Gildeci de Oliveira).

Já as transversalidades, os diálogos e “reminiscências” da escrita e das narrativas-linguagens, as experiências do sagrado e da força vital projetam as ressignificações das coisas e do mundo, mediante as palavras e a memória textual operacionalizadas pelos entrecruzamentos de vozes, permeadas pelas dimensões de alargamento de variantes em diálogos com outros textos que ligam e religam uma memória da literatura, com seus textos centrados em uma construção humana e social, isto é, em uma arqueologia dinâmica e cultural, com suas potências de múltiplas associações e ressignificações de textos-memória nos diálogos com as diversas culturas e registros transversais das fontes, com suas cartografias literárias, sociais e interação com seus temas e comunicabilidade na maneira de dizer e mapear a obra com a força e projeção literária. Se “toda grande imagem revela um estado de alma”, como diz Gaston

Bachelard, em *A poética do espaço* (1993), uma vez que os escritores, poetas, artífices da palavra, lapidam as imagens-linguagens na maneira de articular a presença e os mundos ficcionais possíveis, dando voz e convergências às imagens-mundo através das associações e na construção social e humana com suas lapidações e resplandescências de memórias compartilhadas e mediante “uma superação de todos os dados da sensibilidade”, tendo em vista que em toda a grande imagem há “um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca cores particulares” (BACHELARD, 1993, p. 50). Tais cores e (re)configurações estéticas e sociais, é que o escritor e professor Gildeci de Oliveira Leite tece a linguagem-discurso-memórias na construção de uma obra mapeadas pela sensibilidade, pelo olhar e re(interpretações) de momentos vividos na palavra-presença.

A literatura, a arte da escrita, a ludicidade, os campos das narrativas intercruzadas, na consagração de um dizer configurado na presença e fontes de ato de despertar para um mundo de imagens além das articulações tempo-substância, faz do ato de dizer e refletir, um momento de vivências edificadas nas ações tempo/espaciais e nas redes-memória solidificadas no poder da ancestralidade e nas articulações das palavras-presença. Assim,

Os papéis simbólicos dos arquétipos e das narrativas de Oxum e de Oiá podem trazer mais força para as lutas das mulheres e comprovar que os movimentos feministas já existiam na sagrada África nagô desde tempos imemoriais. O dia 08 de março pode ser também o dia de referenciar os orixás femininos, principalmente Oxum e Iansã: água e fogo; diplomacia e força necessárias às lutas por justiça e igualdade. (LEITE, Gildeci de Oliveira).

Tais forças das palavras e narrativas-resistências simbolizam os espaços de luta, potencialidades e simbolização frente a toda forma de dominação na busca dos espaços de liberdade. Já o ofício da palavra, do fazer literário, dos alicerces centrados na poeticidade narrativa e observação atenta das coisas, entes e mundos circundantes, é na obra *Babá Alapalá, caminhos e encantos*, de Gildeci de Oliveira Leite uma marca profunda de humanização, isto é, uma elaboração textual que tem suas bases no projeto de valorização e concretização/observação das coisas mais simples, no olhar atento à cultura, à sociedade, nas experiências com o campo das ações e das vivências relacionadas ao sagrado, às manifestações do pensamento e imaginação, na articulação e

na observação da natureza e no olhar atento do escritor Gildeci de Oliveira Leite que faz da linguagem uma maneira de pensamento e (re)invenção das palavras-imagens e das relações entre o eu e o mundo circundante. Seu ofício da palavra-potência dialoga com as inconstâncias das coisas e dos acontecimentos exteriores frente às fronteiras do pensamento e imaginação e das correspondências do social, do mundo e da maneira de olhar a vida, os entes, os seres, instaurando reflexões sobre a presença, temporalidades e memórias. O despertar das fontes, o reconhecimento entre presenças e homenagens das mulheres de destaque na vida e nas configurações sociais, culturais e nas manifestações religiosas, no “Ilê Axé Opô Afonjá e de Mãe Stella”, presença viva no cenário cultural. Nesse sentido,

[...] se a comunidade afro-brasileira ganha com estas vitórias, todos aqueles que negaram o reconhecimento à cultura afro-brasileira, até hoje, ganham também. Ao aceitar as homenagens e honrarias da sociedade civil são doados a estes organismos valores afrodescendentes incomensuráveis, deixando associar valores negro-brasileiros às representações que pouco ou nada reconheciam a religiosidade e a cultura negras. (LEITE, Gildeci de Oliveira).

Correspondências necessárias da arte de projetar um mundo de vivências e emoções, intercâmbios presentificados no convívio/comum/união, sentido vital e fraterno das relações humanas, sociais, culturais e dos campos permeados pelo sagrado. Assim, destaca-se as (re) apresentações de sentidos de permanência e reconhecimentos (Correios, Academia de Letras da Bahia, dentre outros) que “simbolicamente pediram e pedirão a bênção a Mãe Stella e a todas as suas antecessoras, nela representadas. Assim, já fizeram a UFBA e a UNEB, reconhecendo a atual matriarca Afonjá Doutora *Honoris Causa*.” (LEITE, Gildeci de Oliveira). Ato este que presentifica a força e potência, no registro maior da interlocução da consagração do instante e do ato de “pedir a bênção faz mais bem a quem pede do que a quem a concede. Mas certamente, ousa-me a inferir, Mãe Stella com sua humildade, agradecerá por ter abençoado aqueles que pedem a força e a presença da energia Afonjá. (LEITE, Gildeci de Oliveira). Salve todas as Mães:

Felizes aqueles que recebem o Axé de todas essas mulheres representadas em *Ode Kayode*. Além do anel no dedo e sempre aos pés de Xangô, o povo de Axé agora possui selo nos Correios, brasão impresso em cartas do Brasil e o fardão da

Academia de Letras da Bahia. Salve Xangô! Salve Mãe Aninha, Mãe Bada, Mãe Senhora, Mãe Ondina, Mãe Stella e todo o povo de Axé! (LEITE, Gildecil de Oliveira).

Esta presença-viva, a força matriarcal, os diálogos culturais, sociais, a edificação da memória textual/social, as transversalidades e as “reminiscências” de escritas pontuadas pela arte-emoção, linguagens duplamente orientadas para a evocação e resistência, a memória latente e as articulações de uma escrita-potência são as veredas que o escritor Gildecil de Oliveira Leite oportuniza às(aos) leitoras(res) mediante as ressignificações da realidade/cosmos presentificadas pela emoção de dizer e exprimir o sentido da vida.

Pelos bosques de palavras e imagens poéticas, *Babá Alapalá, caminhos e encantos* com suas construções verbais e suas múltiplas vertentes textuais projetam o sentido de presença-permanência e desperta as fontes, as vivências sócio-culturais de uma cosmovisão de memórias e (re)interpretações do texto-contexto-mundo, ao projetar as redes com seus fios dos discursos e palavras-imagens que tecem os artifícios da palavra-imagens articuladas na maneira de Gildecil de Oliveira Leite presentificar os registros da história e a memória individual, social e coletiva, interligadas à “Grande Biblioteca”, marcada pela memória-tempo, com seus discursos-rios, e pelas águas-palavras encantando a todas(os) pela alegria de viver enquanto oferta e presença solidificadas na força viva da linguagem e no encantamento das palavras-memória. O livro se abre em flores ofertadas: palavras e magias – assim, a obra *Babá Alapalá, caminhos e encantos* é um convite-presente às (aos) leitoras(res) com sua força e expressividade dos saberes compartilhados.

Prof. Dr. Antônio Donizeti da Cruz
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)